

Considerações sobre a herança colonial nas práticas culturais e religiosas brasileiras, a partir da obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre

Rafaela Giesel Dörr¹

Sirlei de Lourdes Lauxen²

Solange Beatriz Billig Garces³

Denise Tatiane Girardon dos Santos⁴

Resumo

As práticas socioculturais, incluindo as religiosas, contribuíram, fundamentalmente, para o estabelecimento da identidade cultural do Brasil, perspectiva da qual parte este artigo, com o objetivo de analisar o Capítulo III, *O Colonizador português: Antecedentes e predisposições* da obra *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, de Gilberto Freyre, e os reflexos culturais da/na colonização portuguesa, ainda presentes na atualidade. O problema de pesquisa que se pretende responder é: em que medida a colonização portuguesa influenciou, culturalmente, a sociedade brasileira, com ênfase às práticas religiosas contemporâneas, com base na obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre? A pesquisa foi dividida em duas seções: a primeira aborda determinados aspectos, na obra do autor, sobre a colonização portuguesa e aponta o entrelaçamento de diversas tradições culturais e religiosas, denotando o histórico sincretismo religioso, o que representa, na atualidade, a diversidade religiosa no Brasil. Com relação à obra de Freyre, aponta-se a ideologia da colonização romantizada, na figura do colonizador português, período considerado pelo autor como harmonioso, contrastando com a realidade vivenciada por grupos étnicos marginalizados do País. Na segunda seção, os dados estatísticos sobre instituições religiosas demonstraram o crescimento de templos e a pluralidade de crenças, o que pode indicar a observância da diversidade religiosa. Para o desenvolvimento desta pesquisa, o método utilizado foi o dedutivo, a partir de revisão bibliográfica e pesquisa documental.

Palavras-Chave: Herança colonial; Romantização da colonização; Práticas religiosas contemporâneas; Diversidade religiosa.

1 Introdução

A colonização portuguesa, com imposição intermitente do catolicismo sobre os/as indígenas e, posteriormente, às pessoas africanas escravizadas, implicou na atual conformação

¹Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Pós-Graduada em Direito e Processo Constitucional, pela Legale Institucional (On-line). Bacharela em Direito pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Estagiária na 2ª Vara Criminal da Comarca de Cruz Alta, Rio Grande do Sul. E-mail: rafaeligiesel@yahoo.com

²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul (UFRGS); Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Mestrado e Doutorado, 2021-2023), da Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, Rio Grande do Sul. E-mail: slauxen@unicruz.edu.br

³Doutora em Ciências Sociais Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Docente do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: sgarces@unicruz.edu.br

⁴Doutora em Direito pela Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social e do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). E-mail: desantos@unicruz.edu.br

das práticas sociais, destacadamente, as religiosas, decorrentes da fusão da religião europeia com as tradições indígenas e africanas, em virtude da resistência secular destes grupos. Um dos expoentes da manutenção dos resquícios colonialistas foi a obra de Freyre, ao afirmar a naturalidade das relações sociais escravagistas na formação do povo brasileiro, utilizada no período ditatorial enquanto elemento de conformação social.

O objetivo desta pesquisa é analisar, sob a perspectiva de Gilberto Freyre, na obra *Casa-Grande & Senzala*, Capítulo III, *O Colonizador português: Antecedentes e predisposições*, os efeitos culturais do período colonial na contemporaneidade. O artigo foi estruturado em duas seções: *Reflexos culturais na sociedade brasileira, sob a perspectiva de Gilberto Freyre*, na qual se aborda, sob a perspectiva do autor, as influências sociais e culturais no Brasil no período colonial; na segunda seção, *Breves considerações sobre as práticas religiosas atuais a partir de dados estatísticos*, com suporte em conceitos e dados estatísticos, trata-se da atual pluralidade religiosa, apesar do histórico sincretismo religioso, reforçado, inclusive, por Freyre.

A problemática da presente pesquisa reside no seguinte questionamento: em que medida a colonização portuguesa influenciou culturalmente a sociedade brasileira, com ênfase às práticas religiosas contemporâneas, com base na obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre? A hipótese é de que o processo histórico, decorrente do contexto da colonização portuguesa no Brasil, contribuiu para a permanência de alguns traços culturais na contemporaneidade, dentro os quais, é possível citar as práticas religiosas.

O presente artigo foi elaborado a partir do método dedutivo, com fins de resolver a problemática da pesquisa, por intermédio da construção de hipóteses e deduções, das quais depreenderam-se consequências, que, por sua vez, foram postas a prova. As técnicas de pesquisa consistiram na revisão bibliográfica e na pesquisa documental, esta, pela busca em diversas fontes, eletrônicas, impressas, como livros, artigos científicos, revistas e teses; aquela, adequada para a análise da literatura. A pesquisa é descritiva, considerando que, por intermédio dela, descreveu-se determinada realidade, em relação à temática proposta, mediante a análise documental e bibliográfica, e com recorte longitudinal.

2 Reflexos culturais na sociedade brasileira, sob a perspectiva de Gilberto Freyre

Na presente seção, trata-se a influência histórica colonial que refletiu em algumas práticas culturais e religiosas da contemporaneidade, com base na obra de Gilberto Freyre,

Casa-grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, especificamente, o Capítulo III, *O Colonizador português: Antecedentes e predisposições*.

O sociólogo Gilberto Freyre, nasceu em 15 de março de 1900, era descendente de portugueses e proveniente de uma família com recursos financeiros consideráveis (MARASCIULO, 2021). A obra *Casa-grande & Senzala*, escrita no ano de 1930, foi publicada em um período no qual, segundo Villa (2013, s/p.), a “[...] eugenia e a ideologia do branqueamento da raça [...]” exerciam destaque na composição do “pensamento brasileiro”.

A obra influenciou na romantização da figura do colonizador português, como defendido por Freyre (2003, p. 265), quando sugere que este foi o “[...] que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos [...]”. A proposta do texto era demonstrar, sob uma perspectiva harmoniosa, segundo Marasciulo (2021, s/p.), que a “[...] miscigenação entre colonizadores, escravos africanos e índios foi benéfica para o Brasil, uma vez que todos esses povos acabaram se integrando de forma pacífica [...]”. No entanto, tal premissa contribuiu para a manutenção do racismo velado, ainda predominante no País, ao desconsiderar as violências vivenciadas pela população escravizada sob o domínio do colonizador português (MARASCIULO, 2021).

No contexto de interações culturais, com relação à mestiçagem⁵ e à miscigenação⁶, Freyre (2003, p. 265) destaca que o colonizador “[...] pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica [...]. Tendência que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu”. Sob a perspectiva de Freyre (2003), a identidade cultural brasileira foi construída de maneira gradativa, por intermédio da aproximação com demais culturas e povos, sob o poder desigual de exploração do colonizador português.

⁵ De acordo com Merlo (2023, p. 105), a mestiçagem “[...] designa o processo ou resultado da mistura entre diferentes culturas, etnias e populações. Desde a segunda metade do século XIX, tem sido frequentemente utilizado por intelectuais e estudiosos brasileiros vindos de diversas áreas do conhecimento [...]”. Ainda, segundo Munanga (1999, p. 17 e 20), a mestiçagem “[...] do ponto de vista populacionista, é um fenômeno universal ao qual as populações ou conjuntos de populações só escapam por períodos limitados. É concebida como uma troca ou um fluxo de genes de intensidade e duração variáveis entre populações mais ou menos contrastadas biologicamente [...]”. É importante sublinhar os preconceitos raciais associados a essa diversidade de definições. Com efeito, o caráter híbrido e a ambigüidade do mestiço são ressentidos como incômodos. O termo ‘mulato’, do espanhol mulo, tem nitidamente uma conotação mais pejorativa do que o termo ‘mestiço’, pois no século XVIII os índios tiveram uma certa revalorização através do mito do bom selvagem de J.J. Rousseau e da aceitação das civilizações incas e maias. A etimologia é um pretexto cômodo para insistir sobre o aspecto animal do fenômeno. Mais tarde, nota-se uma certa evolução da enciclopédia e seus suplementos, caracterizada pela passagem de uma concepção negativa (a hibridade animal, conseqüência da imoralidade de alguns brancos) a uma concepção positiva (sendo o mestiço considerado como um indivíduo fisicamente mais vigoroso) [...]”.

⁶ A miscigenação, conforme dispõe Pena (2016, s/p.), pode ser compreendida pela “[...] mistura das diversas etnias, que deu origem a novas populações que resguardaram traços físicos e também culturais de ambas as suas matrizes [...]”.

Ao abordar a relação entre a Igreja e o Estado, Freyre (2003, p. 270) relembra a expressão “[...] vá queixar-se ao bispo [...]”, que remete a influência da religiosidade no poderio estatal, logo, sugerindo o “[...] prestígio eclesiástico maior que o civil [...]”. No Brasil, por sua vez, em vista do processo de colonização, a situação era diversa, porque, para Freyre (2003, p. 270-271),

As condições de colonização criadas pelo sistema político das capitânias hereditárias e mantidas pelo econômico, das sesmarias e da grande lavoura - condições francamente feudais - o que acentuaram de superior aos governos e à justiça del-Rei foi o abuso do coito ou homizio pelos grandes proprietários de engenhos; e não pelas catedrais e pelos mosteiros [...].

Outro ponto é o “purismo religioso”, que se relacionava aos “antagonismos econômicos”⁷, visto que, para Freyre (2003, p. 270), nenhuma prática revelou, fundamentalmente, “[...] as guerras entre cristãos e mouros de que resultaria o ardoroso nacionalismo português. Se as considerarmos de feição religiosa, é menos pelos seus motivos essenciais que pela sua forma e pela sua mística [...]”.

No período colonial, o sistema político delineou um ambiente, predominantemente, latifundiário, caracterizado pelos grandes proprietários de engenhos, em face do poder da Igreja (FREYRE, 2003). As dinâmicas de poder eram moldadas com base em aspectos econômicos, no tocante a, essencialmente, o cultivo agrário e ao acúmulo de riquezas, sendo que, a “casa-grande de engenho”, passou a assumir influência superior, com relação às instituições religiosas, ou ainda, do “próprio rei” (FREYRE, 2003, p. 271).

O patriarcalismo direcionava-se, de acordo com Macedo (2008, p. 02), à religião Católica, que estava inserida junto a “[...] propriedade do senhor de engenho, a ele obedecendo e procurando integrar escravos e outros dentro da estrutura de poder e produção da cana de açúcar [...]”. No contexto do patriarcalismo, abordado por Freyre (2003), Souza (2000, p. 75), destaca que esse possui o propósito de evidenciar

[...] para a extraordinária influência da família como alfa e ômega da organização social do Brasil colonial. Dado o caráter mais ritual e litúrgico do catolicismo português, acrescido no Brasil do elemento de dependência política e econômica em

⁷ Importa salientar que, conforme Freyre (2003, p. 116), “[...] a formação brasileira tem sido, na verdade, [...] um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo [...]”.

relação ao senhor de terras e escravos, o patriarcalismo familiar pode desenvolver-se sem limites ou resistências materiais ou simbólicas. A família patriarcal como que reunia em si toda a sociedade. Não só o elemento dominante, formado pelo senhor e sua família nuclear, mas também os elementos “intermediários” constituídos pelo enorme número de bastardos e dependentes, além da base de escravos domésticos e, na última escala da hierarquia, os escravos da lavoura.

Ainda, destaca-se que a acumulação de riquezas, durante o período de colonização, remete ao conceito do capitalismo⁸, o qual, conforme Pereira (2003, p. 166), “[...] é indissociável de um sistema interestatal, nunca é de Estados nacionais isolados e independentes, capazes de controlar o processo básico do desenvolvimento econômico [...]”. O capitalismo caracteriza-se como uma economia global, que se desenvolveu a partir de “[...] trocas desiguais, em cadeias mercantis [...]”, que transcendem os limites políticos, territoriais e “[...] geográficos nacionais, fazendo com que a desigualdade geral do sistema passasse tantas vezes despercebida [...]”.

O colonizador português empenhou-se na preservação da ortodoxia religiosa, de modo a evitar quaisquer influências de crenças consideradas “hereges” ou contrárias à fé oficial, sendo que, para Freyre (2003, p. 272), ao invés “[...] de ser o sangue foi a fé que se defendeu a todo transe da infecção ou contaminação com os hereges [...]”. Assim, de acordo com Freyre (2003, p. 283), a Igreja Católica detinha total influência sobre o Estado, sobretudo, no processo de colonização “latifundiária e semifeudal”, o qual se iniciou em Portugal, e, posteriormente, foi replicado no Brasil:

Na Espanha e em Portugal, o alto clero não só tornou-se detentor de extraordinário prestígio místico, moral e até jurídico sobre populações dotadas pelas circunstâncias físicas e sociais de vida - os terremotos, as secas, as fomes, as pestes, as guerras, toda a trepidação peculiar às regiões de trânsito ou de conflito - da extrema sensibilidade religiosa que Buckle salientou nos espanhóis e portugueses, como de grande poder intelectual e político.

⁸ A Europa, segundo Quijano (2005, p. 121), configurava-se como o “[...] centro do capitalismo mundial [...]” e não apenas detinha “[...] o controle do mercado mundial, mas pôde impor seu domínio colonial sobre todas as regiões e populações do planeta, incorporando-as ao “sistema-mundo” que assim se constituía, e a seu padrão específico de poder [...]”. No processo que levou a esse resultado, os colonizadores exerceram diversas operações que dão conta das condições que levaram à configuração de um novo universo de relações intersubjetivas de dominação entre a Europa e o europeu e as demais regiões e populações do mundo, às quais estavam sendo atribuídas, no mesmo processo, novas identidades geoculturais. Em primeiro lugar, expropriaram as populações colonizadas [...]. Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade [...]. Em terceiro lugar, forçaram –também em medidas variáveis em cada caso– os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa [...]”.

Dessa forma, Freyre (2003, p. 294-295) considera que a predominância e a influência da Igreja em Portugal são evidentes, o que desencadeou efeitos, também, no Brasil, visto que “ser simplesmente filho d’algo em Portugal não valeu tanto como ser freire, isto é, reunir à espada de cavaleiro o hábito religioso de alguma das poderosas ordens militares [...]”. No Brasil, “[...] colonos de origem elevada [...] se desprestigiaram; [...] homens de procedência nobre exercendo ofícios mecânicos como se fossem plebeus [...]”.

Ainda sobre o aspecto religioso, Freyre (2003, p. 304) sustenta que as celebrações religiosas no Brasil, assim como em Portugal, caracterizam-se pela ausência do aspecto “nazareno”, ou seja, não refletiam a tristeza associada à imagem de Jesus Cristo na cruz. Em contrapartida, as celebrações são festivas, nas quais os elementos de santos são incorporados:

[...] Pode-se generalizar do cristianismo hispânico que todo ele se dramatizou nesse culto festivo de santos com trajes e armas de generais: São Tiago, Santo Isidoro, São Jorge, Santo Emiliano, São Sebastião. Nesse culto de santos que foram também patriotas, mata-mouros, campeões da causa da independência [...].

Posteriormente, são abordadas as festividades populares, ocorridas nas Igrejas do Brasil, destacando-se a celebração de “São João”, caracterizada como uma festa “agrícola” e “afrodisíaca” (FREYRE, 2003, p. 329). As celebrações religiosas associavam-se, segundo Freyre (2003, p. 329), a festividades sensuais, “orgiásticas”, templos “pagãos”, vistas como “[...] uma promiscuidade ainda hoje característica das nossas festas de igreja [...]”, com abundância de comidas “[...] Exaltação sexual [...] uma imagem do santo tirada do altar andou de mão em mão, jogada como uma peteca de um lado para outro [...]”.

Ao mencionar a constituição das “corporações religiosas”, tais como, “[...] freires, cartuxos, alcobacenses, cistercienses de São Bernardo [...]”, Freyre (2003, p. 312), destaca sua relevância para a instituição econômica portuguesa. Neste sentido, eram, analogamente, equiparados aos grandes proprietários do Brasil, no período colonial, nos quais, as “casas-grandes de engenho” também operavam como centros de produção e assistência, incluindo-se, nestes, “oficinas”, abrigos para órfãos, “hospitais” e locais de hospedagem (FREYRE, 2003, p. 312).

Com relação à instituição da escravidão no Brasil, Freyre (2003, p. 333) aduz que não é possível “[...] atribuir ao regime de trabalho escravo, por si, toda a dissolução moral da sociedade portuguesa salientada pelos viajantes estrangeiros depois do século XV [...]”. Assim, essa premissa defende o colonizador português, desvinculando-o, diretamente, do

sistema de escravização, uma vez que “[...] sofreram os colonizadores, não exclusiva ou diretamente da América, mas das colônias em geral, dos contatos com povos exóticos e raças atrasadas [...]”.

O processo de colonização, no entendimento de Freyre (2003, p. 177), revelou-se benéfico para o Brasil, evidenciando que, após ser colonizado por Portugal, o País passou a defender-se, autonomamente, contra as agressões estrangeiras, forjando a sua própria identidade. Tal ideologia, contudo, refuta todas as raízes históricas, cujos efeitos repercutem até a contemporaneidade, tais como o racismo estrutural, a influência da Igreja sob o Estado e as desigualdades sociais acentuadas:

Resta-nos salientar o fato, de grande significação na história social da família brasileira, de ter sido o Brasil descoberto e colonizado - do fim do século XVI em diante o Brasil autocolonizou-se, defendendo-se por si das agressões estrangeiras - na época em que os portugueses, senhores de numerosas terras na Ásia e na África, haviam-se apoderado de uma rica variedade de valores tropicais [...].

Nesse sentido, a concepção, proposta por Freyre (2003), na obra em análise, encobre a exploração colonial desigual existente ao longo da historicidade, e sugere, segundo Quijano (2005, p. 136), a “[...] imposição de uma ideologia de “democracia racial” [...]”, ocultando “[...] a verdadeira discriminação e a dominação colonial dos negros [...]”. Assim, Souza (2000, s/p.) destaca que Freyre (2003) construiu “[...] a contrapartida teórica de uma noção rósea e humanitária do passado escravista brasileiro, abrindo a possibilidade de constituição de uma ideologia social apenas aparentemente inclusiva e extremamente eficiente”.

O *bom mestiço*⁹, proposto por Freyre (2003), é caracterizado, de acordo com Souza (2021, p. 139), como um indivíduo adaptável “[...] às mais diversas situações sociais e climáticas e aprender com outras ‘raças’ e culturas, ao mesmo tempo que convive com todas elas em harmonia [...]”. Portanto, a proposição de Freyre (2003), desconsidera as complexas dinâmicas histórico raciais do País, ao idealizá-las, segundo Ferreira (2012, p. 12 e 13), como “[...] harmoniosas e a miscigenação [...]” como “[...] a contribuição brasileira à civilização do planeta [...]”.

⁹ Souza (2021, p. 138) destaca que Freyre (2003) falha em perceber que “[...] tanto o racismo biológico quanto o racismo cultural partem do mesmo princípio da oposição entre espírito como virtude e corpo como animalidade, ele luta desesperadamente dentro do contexto do racismo cultural para mostrar as ambiguidades da noção de espírito e revalorizar, a partir dessa contraposição, as virtudes dominadas do corpo. O ‘bom mestiço’ brasileiro é o produto dessa transformação valorativa [...]. No Brasil, como a própria mestiçagem, facilmente verificável, empiricamente atestaria, a interpenetração entre ‘raças’ e culturas seria a regra”.

A partir dos trechos do *Capítulo III, O Colonizador português: Antecedentes e predisposições*, da obra *Casa-grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, verifica-se que Freyre (2003) buscou justificar práticas colonialistas, como a influência da Igreja sobre o Estado, o regime patriarcal, a concentração de terras em latifúndios, ao amenizar as relações sociais desiguais, decorrentes da colonização e da escravização.

Destaca-se que exploração desigual do colonizador português, como dos senhores de engenhos, repercute em desigualdades estruturais até o presente, tais como o racismo e a acentuada concentração de riquezas. Ainda, com relação aos reflexos perceptíveis nas práticas socioculturais, destacam-se as religiosas, o que será abordado na próxima seção.

3 Breves considerações sobre as práticas religiosas atuais a partir de dados estatísticos

O Brasil caracteriza-se pela multiculturalidade¹⁰, conceituada por Canclini (2004, p. 14), como a “[...] yuxtaposición de etnias o grupos en una ciudad o nación [...]”, no qual o exercício da religiosidade constitui-se como uma prática, intrinsecamente, relacionada aos indivíduos. A religiosidade desempenha papel fundamental na promoção da identidade nacional, não havendo, segundo Belo (2015, p. 01), uma “[...] cultura homogênea, mas um mosaico de diferentes culturas juntas [...]”. Desta forma, nesta seção, serão contextualizadas as práticas religiosas da contemporaneidade, com breve abordagem sobre a religiosidade no período colonial.

No ano de 2023, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), desenvolveu a Nota Técnica intitulada *Crescimento dos Estabelecimentos Evangélicos no Brasil nas Últimas Décadas*¹¹ (DE NEGRI; MACHADO; CAVALCANTE, 2023), com o intuito de averiguar a expansão das instituições evangélicas no País, por intermédio da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Inicialmente, a pesquisa buscou identificar os estabelecimentos religiosos¹², condizentes com as informações, disponibilizadas na RAIS, analisando, segundo

¹⁰ Segundo Canclini (2004, p. 14 – 15), “[...] bajo concepciones multiculturales se admite la diversidad de culturas, subrayando su diferencia y proponiendo políticas relativistas de respeto, que a menudo refuerzan la segregación [...]”.

¹¹ O objetivo da presente Nota Técnica, era, segundo De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 04) “[...] identificar o crescimento do número de estabelecimentos evangélicos nos municípios brasileiros, a partir da Relação Anual de Informações Sociais (Rais). Com isso, busca-se construir informações que possibilitem analisar a religião evangélica do ponto de vista de suas capacidades organizacionais e de sua dispersão geográfica no território brasileiro [...]”.

¹² De acordo com De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 04 e 05), “os estabelecimentos religiosos são pessoas jurídicas, obrigadas, portanto, a preencher a Rais na categoria de ‘atividades de organizações religiosas’, com o código 94.91-0 da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). No entanto, o número total de estabelecimentos religiosos, apesar de interessante, não nos permite avaliar quais são as religiões que têm

De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 05), “[...] dentro da razão social, expressões, termos, nomes ou mesmo partes de nomes que pudessem identificar a religião à qual o estabelecimento pertence”.

As nomenclaturas e expressões empregadas para designar as religiões, decorreram, inicialmente, da classificação aplicada pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (2010, p. 92), no censo de 2010, quais sejam: “Católica Apostólica Romana; Evangélicas (Evangélicas de Missão, Evangélicas de origem pentecostal, Evangélica não determinada); Espírita; Umbanda e Candomblé; Sem Religião; Outras religiosidade [...]”, e ainda, as “não declaradas”. Com base nas informações, preliminarmente, elencadas, tais terminologias foram aprimoradas, baseando-se, segundo De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 05), na análise da “[...] base de dados e de pesquisas em outras fontes [...]” informativas, alcançando-se o resultado, a seguir disposto:

Quadro 01 – Grupos religiosos e termos existentes no nome do estabelecimento utilizados para a identificação desses grupos

Grupo religioso	Termos e expressões utilizados para classificação
Igreja católica	Católica, ortodoxa, diocese, curia, paróquia, mosteiro, basílica, capela, bispado, arquidiocese, pastoral, convento, renovação carismática, congregação, franciscanos, carmelitas, beneditinos, salesianos, capuchinos, redentorista, claretianos, jesuítas, focolares, dominicanos, CNBB, CIMI, irmãs e irmandade.
Igrejas evangélicas tradicionais (ou evangélicas de missão)	Batista, metodista, presbiteriana, luterana, anglicana, menonita, exército da salvação, congregacional, adventista, ASD, IEASNB, igreja do nazareno, missões mundiais.
Igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais	Evangélica, assembleia de deus, universal do reino de deus, quadrangular, pentecostal, congregação cristã, maranata, graça de deus, renascer em cristo, reviver em cristo, viver em cristo, filhos de deus, poder de deus, nazareno, jesus cristo, jeová, cristo, missão carismática, comunidade da graça, casa da benção, comunidade crista paz e vida, sara nossa terra, igreja apostólica, catedral internacional, catedral mundial, catedral da benção, catedral da fé, catedral da família, igreja de nova vida, igreja de deus no brasil, igreja casa de oração, convenção nacional da igreja de deus, igreja videira, igreja betesda do ceará, igreja boas novas, associação missionaria vida nova, igreja bíblica, igreja cristã universal, igreja da fé, igreja de deus, deus é amor, deus maior, igreja de jesus, avivamento, deus e fiel, visão missionaria, senhor jesus, reino de deus, deus vivo, igreja unida, igreja vida.
Outras religiões	Espirita, kardecista, umbanda, candomblé, afro, judaica, essenista, hindu, budista, sokagakkai, messiânica mundial, messiânica universal, seichoNo-je, perfect liberty, hare krishna, osho, tenrykyo, mahicari, bahai, shintoísta, taoísta, islamismo, druso, esoterismo, racional, santo daime, união do vegetal, xamanista, maçon, abaca, brasil sgi, ogum, oxum, exu, oxossi, cabana, ile, áfrica, congada, orixá, israelita, centro redentor, associação das famílias para a unificação e paz mundial.

Fonte: De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 05).

Com base nas informações coletadas, acima mencionadas, e tendo em vista a existência de 124.529 (cento e vinte e quatro mil e quinhentos e vinte nove) instituições religiosas no Brasil no ano de 2021, destaca-se que 11% (onze por cento) pertenciam ao “catolicismo”, 19% (dezenove por cento) eram “evangélicos tradicionais” e, por fim, 52%

puxado o crescimento do número de igrejas ou em quais regiões cada denominação encontra-se mais presente. Para isso, é necessário detalhar a classificação desses estabelecimentos, segundo a religião a que são vinculados, o que foi feito neste estudo por meio de um algoritmo que utilizou o nome dos estabelecimentos (razão social) disponível na base da Rais [...]”.

(cinquenta e dois por cento) associavam-se aos “evangélicos pentecostais”, bem como, “neopentecostais” (DE NEGRI; MACHADO; CAVALCANTE, 2023). Do total, 8% (oito por cento) das instituições não foram identificadas, das quais, segundo De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 05), significativa parcela, é “[...] composta por associações comunitárias, beneficentes ou educacionais”.

Tabela 01 – Número de estabelecimentos religiosos no Brasil em 2021, segundo denominação religiosa

Estabelecimentos	Número	Porcentagem
Total de estabelecimentos religiosos	124.529	100
Católicos	14.294	11
Evangélicos tradicionais	23.077	19
Total de evangélicos pentecostais ou neopentecostais	64.494	52
Assembleia de Deus	17.329	14
Universal do Reino de Deus	7.185	6
Igreja do Evangelho Quadrangular	4.201	3
Outras evangélicas pentecostais ou neopentecostais	35.779	29
Outras religiões	7.784	6
Não classificadas	10.073	8

Fonte: De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 07).

A pesquisa apontou uma alteração substancial no crescimento das instituições religiosas entre os anos de 1998 e 2021. Em 1998, havia 8.539 (oito mil e quinhentos e trinta e nove), igrejas “evangélicas tradicionais”, 8.686 (oito mil e seiscentos e oitenta e seis) instituições “católicas”, e, por fim, 8.718 (oito mil e setecentos e dezoito) confissões religiosas “pentecostais, neopentecostais”, excetuando-se a “Assembleia de Deus”, assim como, a “Universal e a Quadrangular” (DE NEGRI; MACHADO; CAVALCANTE, 2023).

No ano de 2021, por sua vez, a denominação Católica apresentou a menor taxa de elevação, correspondendo ao percentual de 63% (sessenta e três por cento), isto é, 14.294 (quatorze mil e duzentos e noventa e quatro) estabelecimentos. No mesmo período, as denominações “evangélicas tradicionais” alcançaram o patamar de 23.077 (vinte e três mil e setenta e sete). Diante dos dados estatísticos apresentados, importa salientar, conforme De Negri, Machado e Cavalcante (2023, p. 05), que a proporção de membros/as das instituições elencadas, pode apresentar significativas variações, entre as diversas denominações, e ainda, no decorrer do tempo, não havendo

[...] uma relação linear entre o número de fiéis e o número de estabelecimentos: um estabelecimento pode ser um grande templo que atende a centenas ou milhares de fiéis, ou uma pequena igreja de bairro que reúne poucas dezenas de pessoas. Isso é

evidente se consideramos que o catolicismo, embora ainda majoritário na população, está desde 2010 apenas na quarta colocação em número de estabelecimentos. E, apesar da trajetória de crescimento nos estabelecimentos, a Igreja Universal perdeu fiéis entre 2000 e 2010, ao passo que a Quadrangular, que só aumentou significativamente o número de estabelecimentos até o início dos anos 2000, ganhou fiéis na primeira década deste século.

Os dados estatísticos demonstram a amplitude das práticas religiosas no Estado brasileiro, sobretudo, nas duas últimas décadas, motivo pelo qual é relevante abordar os elementos que conduziram tal alteração, e, por esta razão, far-se-á um resgate histórico sobre religiões no Brasil.

Em 1500, o atual território brasileiro foi invadido por Portugal, que iniciou o processo colonizatório na década de 1530, ante as disputas territoriais, segundo Pessin e Ulrich (2023, p. 39), “[...] com povos indígenas e outros países que tentaram colonizar o local, como a Espanha, Holanda e França [...]”. Os Povos Indígenas foram submetidos à escravização, e, posteriormente, os negros, capturados em África¹³, passaram a ser utilizados como mão-de-obra escravizada (PESSIN; ULRICH, 2023). Ao longo do período colonial e de escravização no Brasil, segundo Fernandes (2017, p. 119), “[...] os africanos escravizados eram objetos de posse e seres indignos de humanidade, tampouco poderiam ter crença [...]”.

No período colonial¹⁴, o Brasil passou a integrar, segundo Hoornaert, Azzi, Grijp e Brod (1977, p. 32), os “[...] percursos marítimos portugueses [...]”, não havendo mais “[...] sentido em si senão em relação ao lugar português [...]”. Assim, a partir de 1530, a identidade cultural brasileira passou a ser forjada mediante a ininterrupta imposição de Portugal, o que resultou no desenho de sociedade com “[...] uma abissal diferença, que, de um lado, estava a elite rica e, do outro, a população indígena, negra, mestiça e branca pobre”, conforme Santos (2020, p. 93).

Há, nesse sentido, dois discursos que moldam, segundo Hoornaert (1982, p. 08), “[...] o estudo da história da Igreja no Brasil [...]”. O primeiro, conforme Dom João III, rei de Portugal no período de 1521 a 1557, possui denotação “espiritual”, pois significou a “[...] conversão dos índios, a expansão da Igreja, a catequese dos povos nunca antes evangelizados [...]”. O segundo, por sua vez, possui origem dos indígenas, e ainda, dos negros africanos

¹³ No tocante aos *africanos*, de acordo com Pessin e Ulrich (2023, p. 39), “[...] esses povos foram retirados de seu país de origem e trazidos ao Brasil com a colonização, pelo tráfico negreiro, para suprir a carência de mão de obra nos empreendimentos coloniais dos portugueses no Brasil [...]”.

¹⁴ O período colonial, conforme destaca Foguel (2022, p. 06), perdurou de “[...] 1530 a 1822, ano em que foi proclamada a independência. A colonização portuguesa no Brasil se efetivou a partir da exploração, povoamento, extermínio e conquista dos povos indígenas e das novas terras [...]”.

escravizados e seus/suas “descendentes”, vítimas dos colonizadores portugueses, ao sofrer as consequências, de acordo com segundo Hoornaert (1982, p. 08), “[...] das novas relações de trabalho impostas [...]”.

Com base nesses discursos, estabeleceu-se uma relação entre a escravização e a religião, acerca da instituição da igreja Católica no Brasil (HOORNAERT, 1982). Imperioso mencionar, com relação a esses discursos, as palavras proferidas pelo indígena Momboré-Uaçu¹⁵, no ano de 1612, no Estado do Maranhão, junto aos demais integrantes da “aldeia”, e ainda, sob a presença de Charles des Vaux¹⁶, reproduzida pelo Padre D’Abbeville¹⁷ (2008, p. 157):

Mandaram vir os *Paí*¹⁸ e estes ergueram cruzes e principiaram a instruir os nossos e a batizá-los. Mais tarde afirmaram que nem eles nem os *Paí* podiam viver sem escravos para os servirem e por eles trabalharem. E, assim, se viram constrangidos os nossos a fornecer-lhos. Mas não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação; e com tal tirania e crueldade a trataram, que os que ficaram livres foram, como nós, forçados a deixar a região.

Assim, as práticas religiosas no Brasil constituíram-se com uma diversidade de “crenças”, presumivelmente, sob a predominância do catolicismo (MACEDO, 2008), e ainda, da harmonização de demais culturas¹⁹, tais como, dos indígenas, dos portugueses e dos negros (MARTINS; IWASHITA, 2017). A fusão dos dogmas católicos europeus, dos costumes dos indígenas, já vivenciados no Brasil, e, além disso, segundo Martins e Iwashita (2017, p. 40), “[...] a cultura africana, marcada pela crença nos deuses iorubas, com suas danças, comidas típicas das tribos e o estilo de vida e de compreender a organização das comunidades [...]”, uniram-se no mesmo “solo”.

¹⁵ Padre missionário enviado ao Estado do Maranhão, no ano de 1612, durante a expedição (D’ABBEVILLE, 2008).

¹⁶ Colonizador francês, segundo D’Abbeville (2008, p. 35), “[...] natural de Sainte-Maure em Turenne, que em companhia de outros franceses guerreou com os índios contra outras tribos e tão corajosamente se comportou que alcançou notáveis vitórias. Conformando-se sempre com os usos e costumes do país, aprendeu a língua dos índios. Após esses bravos feitos em diversos e perigosos combates e uma longa estada na região, observou ele a beleza da terra, sua fertilidade e fecundidade em tudo o que o homem pode desejar tanto com referência ao prazer do corpo, em virtude da amenidade do clima, como em relação à aquisição de imensas riquezas suscetíveis de serem transportadas para a França [...]”.

¹⁷ De acordo com D’Abbeville¹⁷ (2008, p. 402), significa “chefe de índio”.

¹⁸ Que traduzido, significa *Padre* (traduziu-se).

¹⁹ Durante os primeiros anos do século XIX, havia a predominância no território brasileiro, em conformidade com as suas procedências regionais, acordo com Hoornaert, Azzi, Grijp e Brod (1977, p. 32), de “[...] baianos ou paulistas ou mineiros, ou pelo nascimento: índios, brasis, mazombos, crioulos, mamelucos, cafuzos, mulatos, negros. O uso comum da terminologia “brasileiro” no sentido atual provém da época da Independência. Durante todo o período português, brasileiro e quem “faz brasil” na “costa do pau-brasil”, isto é: está engajado na derrubada, no corte ou no transporte do pau-brasil para Portugal”.

Dessa maneira, os costumes e os princípios da fé Católica, ao serem confrontados, segundo Macedo (2008, p. 03), “[...] com etnias de origens diversas [...]”, acabaram “[...] se mesclando com novas culturas [...]”. Embora predominante no período colonial, a religião Católica não obteve êxito em estabelecer-se de maneira plena, o que permeou o cenário, ainda de acordo com o autor, para o “sincretismo” religioso, uma vez que as práticas religiosas não foram preservadas em sua “origem”, adquirindo “[...] novas características ao se defrontar uma com as outras, transcendendo a configuração anterior ao contato [...]”.

Apesar da “[...] imposição da religiosidade judaico-cristã, e das demais práticas e comportamentos europeus, incidiram na colonização das subjetividades”, como destacado por Santos (2020, p. 100), a título de prática religiosa/cultural que subsistiu, unicamente, face à resistência, destaca-se a capoeira, enquanto manifestação, diante das agressões físicas e psicológicas sofridas pelos/as escravizados/as (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2021).

No período colonial, os latifundiários não possibilitavam a prática de atividades esportivas, e, em vista disso, os/as praticantes de capoeira, adaptaram, segundo a Câmara dos Deputados (2021, s/p.), “[...] os movimentos e adicionaram elementos coreográficos e musicais, camuflando seu verdadeiro significado [...]”. Os indivíduos que se dedicavam à prática da capoeira eram considerados, de acordo com Lima (2021, p. 11), uma “ameaça” em potencial “[...] de levante pelos agentes da ordem escravista. Não somente pelo enfrentamento que os mesmos teimavam em fazer, não se submetendo aos desmandos coloniais, mas também pelo número de africanos escravos na cidade”.

Com relação ao fenômeno do sincretismo religioso, sua definição remete à soma de culturas diversas, caracterizada pela substituição de simbologias, o que culminou na formação de um terceiro elemento (DIAS, 2021). O sincretismo religioso, de acordo com Pfeffer (2009, p. 34), “[...] é uma prática de inovações e invenções de tradições [...]”, no qual não há “[...] um caráter universal que estabeleça seus limites ou possibilidades, o que implica que sua análise racional só pode ser dada caso a caso [...]”.

Em relação a, propriamente, as práticas religiosas no Brasil, estas se constituem, segundo Pfeffer (2009, p. 34), “[...] da articulação de vários segmentos, populares e eruditos [...]”, resultando na consolidação de sua ampla pluralidade. O sincretismo religioso, sob o enfoque brasileiro, possui traços históricos, decorrentes do período colonial, uma vez que, de acordo com Ferreti (2007, p. 04), os “[...] colonizadores portugueses sempre contaram, em seu território, com a presença de povos de procedências diversas, desde os romanos, na

Antigüidade e através de toda a Idade Média [...]”, sendo a nação brasileira, constituída, após a

contribuição das mais diversas culturas, procedentes do continente africano, que se somaram às numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território. Assim o contato entre múltiplas culturas sempre foi característico de nossa sociedade, embora na maior parte do tempo, com predomínio da cultura branca dominante [...].

As considerações, tecidas nesta seção, apontam para a influência das práticas religiosas, desde o período Brasil-Colônia, até a atualidade. Os dados estatísticos elencados, com relação aos estabelecimentos religiosos, apontaram para o crescimento de diversas instituições, e, conseqüentemente, o pluralismo e o sincretismo religioso. Destaca-se ainda, enquanto conseqüências históricas, a multiculturalidade, aliada ao entrelaçamento de tradições e culturas de diversos povos.

4 Conclusão

O presente artigo tratou da influência da colonização portuguesa no Brasil, com relação aos reflexos culturais no presente, destacando-se a historicidade das práticas religiosas. A problemática confirmou-se na hipótese proposta, uma vez que o Brasil contemporâneo mantém raízes históricas socioculturais colonialistas.

Na primeira seção, com relação a análise da obra de Gilberto Freyre, observou-se alguns elementos culturais da colonização portuguesa no Brasil, sob o ponto de vista do autor. A ideia, proposta por Freyre (2003) em sua obra, desenvolveu-se na figura do colonizador português romantizada. Ao descrever a colonização como um período harmonioso, Freyre (2003) retrata uma perspectiva controversa em relação à realidade vivenciada por diversos grupos étnicos brasileiros, no decorrer da história.

A estrutura patriarcal do período colonial desenvolveu significativa influência em algumas dinâmicas culturais contemporâneas, refletindo efeitos nas relações de poder, na economia, no racismo estrutural, nas desigualdades sociais veementes, e ainda, nas práticas culturais e religiosas, por exemplo. Nesse sentido, reitera-se a continuidade dessa herança cultural, enraizada historicamente, a qual continua a perpetuar efeitos na sociedade brasileira vigente, manifestando-se em diversos nuances.

Na segunda seção, analisou-se os dados estatísticos com relação ao estabelecimento das instituições religiosas no Brasil, o que demonstrou o seu exponencial crescimento, assim

como, da pluralidade religiosa, evidenciada em diversas denominações. Tal fato reflete, não somente, na diversidade das práticas religiosas atuais, como também, no sincretismo religioso, em decorrência da integração entre diversas tradições culturais e religiosas, solidificadas ao longo do tempo.

Referências

BELO, Roberto. Diversidade Cultural/Religiosa no Brasil. *2º Simpósio Nordeste da ABHR – Gênero e religião: Diversidades e (in)tolerâncias nas mídias*, 2015, p. 01 – 18. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1208/1030>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *A história da capoeira no Brasil*. Brasília/DF: Câmara dos Deputados, 2021, s/p. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/experiencias-presenciais/parlamentojovem/noticias_para_voce/a-historia-da-capoeira-no-brasil#:~:text=A%20capoeira%20surgiu%20como%20resposta,era%20capturar%20quem%20havia%20fugido. Acesso em: 04 de jan. 2024.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguales y desconectados: Mapas de la interculturalidad*. Barcelona/ES: Gedisa, 2004. Disponível em: <https://oibc.oei.es/uploads/attachments/123/garcia-canclini-nestor-diferentes-desiguales-y-desconectados-mapas-de-la-interculturalidad.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Traduzido por: Sérgio Milliet. Brasília/DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/576068/000838911_Historia_padres_capuchinhos_Maranhao.pdf. Acesso em: 04 de jan. 2024.

DE NEGRI, Fernanda; MACHADO, Weverthon; CAVALCANTE, Eric Jardim. *Crescimento dos estabelecimentos evangélicos no Brasil nas últimas décadas*. Rio de Janeiro/RJ: Ipea, 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12605/1/NT_123_Diset_crescimento_dos_estabelecimentos.pdf. Acesso em: 04 de jan. 2024.

DIAS, Marcos Horário Gomes. *Sincretismo: Qual a relação entre santos católicos, orixás e colonialismo?* In: Giacomo Vincenzo. São Paulo/SP: Ecoa Uol, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/01/sincretismo-qual-a-relacao-entre-santos-catolicos-orixas-e-colonialismo.htm>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. *Revista Calundu*, v. 01, n. 01, 2017, p. 117 – 136. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/7627/6295>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

FERREIRA, Elisângela Alves de Moraes. *Refletindo o conceito de miscigenação no Brasil*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade

Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1346/1/PDF%20-%20Elisangela%20Alves%20de%20Moraes%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. *Multiculturalismo e Sincretismo*. I Congresso Internacional em Ciências da Religião, PPGCR da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGO), 2007, p. 01 – 10. Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/jspui/bitstream/1/183/1/Multiculturalismo%2520e%2520Sincretismo.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

FOGUEL, Israel. *Brasil Colônia e Império: Grandes Personagens de nossa História*. São Paulo/SP: Yolbook, 2022. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ib1WEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=O+per%C3%ADodo+do+Brasil+Col%C3%B4nia+se+estendeu+de+1500+a+1822,+&ots=dUsL5rP9IK&sig=MHYF6w1F3E9q78JRKbYn5-sEWYE#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 04 fev. 2024.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª Edição revisada. São Paulo/SP: Global, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil – Colônia (1550 – 1800)*. São Paulo/SP: Brasiliense, 1982. Disponível em: <https://fliphtml5.com/pt/bzml/mnle/basic>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

HOORNAERT, Eduardo; AZZI, Ronaldo; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. *História da igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros_Editados_ED/L.Edi.4_Tomo2_Brasil_Primeira_epoca.pdf. Acesso em: 04 de jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro/RJ: IBGE, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 04 de jan. 2024.

LIMA, Norma Silvia Trindade. Capoeira em diáspora: Capturas, insurgências e (re)existências por uma educação decolonial e inclusiva. *Revista do Centro de Ciências da Educação*, v. 39, n. 04, 2021, p. 01 – 17. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/67913/47599>. Acesso em: 04 jan. de 2024.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: Um retrato sincrético. *Revista Ágora*, n. 07, 2008, p. 01 – 20. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1918>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

MARASCIULO, Marília. Gilberto Freyre: 5 pontos para entender a importância do sociólogo: Autor de “Casa-Grande & Senzala”, o intelectual pernambucano é reconhecido como um dos mais importantes cientistas sociais do século 20. *Revista Galileu*, 2021, s/p. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/07/gilberto-freyre-5-pontos-para-entender-importancia-do-sociologo.html>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

MARTINS, Alan Christian Pedroso; IWASHITA, Pedro Kuniharu. Sincretismo: Uma relação entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 11, n. 20, 2017, p. 38 – 54. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto> 38. Acesso em: 04 de jan. 2024.

MERLO, Hugo Ricardo. A mestiçagem como conceito histórico: Uma descrição teórica. *Revista de teoria da história*, v. 26, n. 01, 2023, p. 100 – 119. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/74687>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/432688/docslide.com.br+rediscutindo-a-mesticagem-no-brasilkabengele-munanga.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

PENA, Rodolfo Ferreira. Alves. *Composição étnica do Brasil*. Brasil Escola: 2016, s/p. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/geografia/composicao-etnica-brasileira.htm>. Acesso em: 18 de fev. 2024.

PEREIRA, Isabel Brasil. Capitalismo histórico e civilização capitalista. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 01, 2003, p. 166 – 171. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462003000100013>. Acesso em: 18 de fev. 2024.

PESSIN, Erivelton; ULRICH, Claudete Beise. Antropologia da religião: A construção da antropologia no brasil e religiões afro-brasileiras. *Em favor de igualdade racial*, v. 06, n. 02, 2023, p. 36 – 43. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/6466/4164>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

PFEFFER, Renato Somberg. Diálogo interreligioso e construção da cidadania em um mundo globalizado: A contribuição do sincretismo religioso brasileiro. *Revista Mosaico*, v. 01, n. 02, 2009, p. 26 – 38. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/62783/61919>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires/ARG: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005, p. 117 – 142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 04 de jan. 2024

SANTOS, Denise Tatiane Girardon dos Santos. *Estados Plurinacionais na América Latina: cenários para o republicanismo na contemporaneidade*. Curitiba/PR: CRV, 2020.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: Estação Brasil, 2021. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7581779/mod_resource/content/1/Jess%C3%A9%20Souza.pdf. Acesso em: 04 de jan. 2024.

SOUZA, Jessé. Democracia racial e multiculturalismo: Ambivalente singularidade cultural brasileira. *Revista Afro-Ásia*, v. 38, 2000, s/p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ggpZPyGCpffJcDKQb8pDNKc>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social*, v. 12, n. 01, 2000, p. 69 – 100. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/tDx8Rq3b6Y8H9qMpzZkgR7C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

VILLA, Marco Antonio. *Gilberto Freyre – Conheça o autor de "Casa Grande e Senzala"*. Uol: História do Brasil, 2013. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/gilberto-freyre-conheca-o-autor-de-casa-grande-e-senzala.htm>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

Consideraciones sobre la herencia colonial en las prácticas culturales y religiosas brasileñas, a partir de la obra Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre

Resumen

Las prácticas socioculturales, incluidas las religiosas, contribuyeron, fundamentalmente, al establecimiento de la identidad cultural de Brasil, perspectiva desde la cual parte este artículo, con el objetivo de analizar el *Capítulo III, El colonizador portugués: antecedentes y predisposiciones de la obra Casa-Grande & Senzala: formación de la familia brasileña bajo el régimen de economía patriarcal*, por Gilberto Freyre, y los reflejos culturales de/en la colonización portuguesa, todavía presentes hoy. El problema de investigación que pretendemos responder es: ¿en qué medida la colonización portuguesa influyó culturalmente en la sociedad brasileña, con énfasis en las prácticas religiosas contemporáneas, a partir de la obra Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre? La investigación se dividió en dos secciones: abordar ciertos aspectos, en la obra de Freyre, sobre la colonización portuguesa y señalar el entrelazamiento de diferentes tradiciones culturales y religiosas, a pesar del sincretismo religioso histórico, que actualmente representa la diversidad religiosa en Brasil. En relación con la obra de Freyre, se destaca la ideología de la colonización romantizada, en la figura del colonizador portugués, período considerado por Freyre como armonioso, contrastando con la realidad que viven las etnias marginadas del país. En la segunda sección, los datos estadísticos sobre instituciones religiosas demostraron el crecimiento de los templos y la pluralidad de creencias, lo que puede indicar la observancia de la diversidad religiosa. Para desarrollar esta investigación, el método utilizado fue el deductivo, basado en la revisión bibliográfica y la investigación documental.

Palabras – Clave: Patrimonio colonial; Romanticización de la colonización; Prácticas religiosas contemporáneas; Diversidad religiosa.

Considérations sur l'héritage colonial dans les pratiques culturelles et religieuses brésiliennes, d'après l'ouvrage Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre

Résumé

Les pratiques socioculturelles, y compris religieuses, ont contribué fondamentalement à l'établissement de l'identité culturelle du Brésil, perspective à partir de laquelle part cet article, dans le but d'analyser le *Chapitre III, Le Colonisateur Portugais: contexte et prédispositions de l'œuvre Casa-Grande & Senzala: formation de la famille brésilienne sous le régime de l'économie patriarcale*, par Gilberto Freyre, et les réflexions culturelles de/dans la colonisation portugaise, encore présentes aujourd'hui. La problématique de recherche à laquelle nous entendons répondre est la suivante : dans quelle mesure la colonisation portugaise a-t-elle influencé culturellement la société brésilienne, en mettant l'accent sur les pratiques religieuses contemporaines, à partir de l'ouvrage Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre ? La recherche a été divisée en deux sections : abordant certains aspects, dans l'œuvre de Freyre, de la colonisation portugaise et soulignant l'imbrication de différentes traditions culturelles et religieuses, malgré le syncrétisme religieux historique, qui représente actuellement la diversité religieuse au Brésil. En relation avec l'œuvre de Freyre, l'idéologie de la colonisation romancée est mise en évidence, dans la figure du colonisateur portugais, une période considérée par Freyre comme harmonieuse, contrastant avec la réalité vécue par les groupes ethniques marginalisés du pays. Dans la deuxième section, les données statistiques sur les institutions religieuses ont démontré la croissance des temples et la pluralité des croyances, ce qui peut indiquer le respect de la diversité religieuse. Pour développer cette recherche, la méthode utilisée a été déductive, basée sur une revue bibliographique et une recherche documentaire.

Mots-Clés: Patrimoine colonial; Romantisation de la colonisation; Pratiques religieuses contemporaines; Diversité religieuse.

Considerations about the colonial heritage in Brazilian cultural and religious practices, based on the work Casa-Grande & Senzala, by Gilberto Freyre

Abstract

Sociocultural practices, including religious ones, contributed, fundamentally, to the establishment of Brazil's cultural identity, a perspective from which this article starts, with the aim of analyzing *Chapter III, The Portuguese Colonizer: Background and predispositions of the work Casa-Grande & Senzala: formation of the Brazilian family under the regime of patriarchal economy*, by Gilberto Freyre, and the cultural reflections of/in Portuguese colonization, still present today. The research problem we intend to answer is: to what extent did Portuguese colonization culturally influence Brazilian society, with an emphasis on contemporary religious practices, based on the work Casa-Grande & Senzala, by Gilberto Freyre? The research was divided into two sections: addressing certain aspects, in Freyre's work, about Portuguese colonization and pointing out the intertwining of different cultural and religious traditions, despite the historical religious syncretism, which currently represents religious diversity in Brazil. In relation to Freyre's work, the ideology of romanticized colonization is highlighted, in the figure of the Portuguese colonizer, a period considered by Freyre as harmonious, contrasting with the reality experienced by marginalized ethnic groups in the country. In the second section, statistical data on religious institutions demonstrated the growth of temples and the plurality of beliefs, which may indicate the observance of religious diversity. To develop this research, the method used was deductive, based on bibliographic review and documentary research.

Keywords: Colonial heritage; Romanticization of colonization; Contemporary religious practices; Religious diversity.